

Ano 20 • Número 09 • 05 de março de 2018

## **Brasil sai oficialmente da recessão em 2017**

---

## **Investimentos e perspectivas para o PIB brasileiro**

---

## **Confiança do industrial gaúcho avançou em fevereiro**

---

## **Indústria gaúcha inicia o ano em alta**

---

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

[www.fiergs.org.br/economia](http://www.fiergs.org.br/economia)

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

## Brasil sai oficialmente da recessão em 2017

O PIB do Brasil cresceu 1,0% em 2017, após dois anos consecutivos de recessão em 2015 e 2016 – ambos com quedas de 3,5%. Por conta disso, o nível de atividade ainda está 6,0% inferior ao registrado em 2014, ano marcado pelo começo da crise.

Pela ótica da oferta, a Agropecuária foi o grande destaque, com alta de 13,0%. O setor foi responsável por 80% do resultado agregado, em função da supersafra de grãos. Sem esse efeito, portanto, o PIB total do Brasil teria avançado apenas 0,2%. Por sua vez, a Indústria Total registrou estabilidade. Se, por um lado, a Extrativa Mineral foi o principal destaque (+4,3%) e a Transformação finalmente saiu da recessão (+1,7%), a Construção amargou perdas de 5,0%. Em linha com o início da melhora do mercado de trabalho, os Serviços cresceram 0,3%. A participação da Indústria Total no Valor Adicionado fechou o ano em 21,5% e a Transformação em 11,8%. Esta última chegou a representar 9,8% em anos anteriores, mas se beneficiou com a revisão dos dados passados, o que elevou a sua base.

Pela ótica da demanda, a principal influência positiva veio do consumo das famílias (+1,0%). Por sua vez, os investimentos fecharam o ano com nova queda (-1,8%), apesar da melhora registrada a partir do segundo semestre do ano passado. Com isso, a taxa de investimento alcançou 15,6% do PIB, valor 0,5 p.p. inferior em comparação com 2016 e a menor desde o

ano 2000. Já a contribuição do setor externo foi levemente positiva, a partir do crescimento de 5,2% das exportações e de 5,0% das importações.

No quarto trimestre de 2017, o PIB avançou 0,1% em relação ao terceiro, na série com ajustamento sazonal. Já são quatro altas consecutivas nessa base de comparação, algo que não acontecia desde 2013. Ante o mesmo trimestre do ano anterior, o avanço foi de 2,1%: trata-se da taxa mais intensa já registrada desde o primeiro trimestre de 2014.

Por fim, o PIB de anual de 2017 veio em linha com as expectativas do mercado. Já o resultado do quarto trimestre, no comparativo com o mesmo período do ano anterior, veio levemente inferior ao esperado. O mercado esperava um crescimento de 2,4%, o que pode indicar um ritmo de recuperação aquém do esperado.

### PIB do Brasil – (Var. % real)

	4ºT17/3ºT17*	4ºT17/4ºT16	2017/2016
<b>PIB</b>	<b>0,1</b>	<b>2,1</b>	<b>1,0</b>
<b>OFERTA</b>			
<b>Agropecuária</b>	<b>-0,0</b>	<b>6,1</b>	<b>13,0</b>
<b>Indústria</b>	<b>0,5</b>	<b>2,7</b>	<b>0,0</b>
Extrativa mineral	-1,2	-0,1	4,3
Transformação	1,5	6,0	1,7
Energia e saneamento	0,3	-0,0	0,9
Construção civil	-0,0	-1,6	-5,0
<b>Serviços</b>	<b>0,2</b>	<b>1,7</b>	<b>0,3</b>
<b>DEMANDA</b>			
Consumo das famílias	0,1	2,6	1,0
Consumo da adm. pública	0,2	-0,4	-0,6
Formação bruta de capital fixo	2,0	3,8	-1,8
Exportação (bens e serviços)	-0,9	9,1	5,2
Importação (bens e serviços) (-)	1,6	8,1	5,0

Fonte: IBGE. \*Com ajuste sazonal.

## Investimentos e perspectivas para o PIB brasileiro

A forte contração nos investimentos foi um agravante da crise atual. Mesmo o retorno do crescimento econômico não foi capaz de trazer os investimentos para o campo positivo no acumulado de 2017. Neste ano, espera-se expansão para esse setor em decorrência do quadro econômico e financeiro mais favorável. Entre diversos fatores, a queda dos juros e a retomada da atividade, sustentam essa projeção. Entretanto, o nosso otimismo ainda é moderado, pois a ociosidade permanecerá elevada.

Em 2017, os Investimentos registram perdas acumuladas de 27,4% desde 2014, e estão no nível mais baixo desde o segundo trimestre de 2009. A Formação bruta de capital fixo encerrou o ano passado com queda de -1,8%. Os investimentos em Máquinas e equipamentos registraram crescimento de 3,0%, após terem contraído 15,6% em 2016. As máquinas e implementos agrícolas foram fundamentais para esse avanço. Os bens de capitais não seriados, ou sob encomenda, permaneceram no campo negativo. No ramo da Construção, a queda ainda foi intensa, 5,6%, contra uma retração de 9,4% em 2016. Os outros investimentos avançaram 1,2%.

Assim, a taxa de investimento da economia alcançou 15,6% do PIB, valor 0,5 ponto percentual inferior em

comparação com 2016, e atingiu o nível mais baixo da série histórica, iniciada em 2000. Já a taxa de poupança somou 14,8% do PIB: alta de 0,9 ponto percentual frente a 2016. A pequena taxa de poupança é elemento determinante para a baixa taxa de investimentos na economia brasileira.

A ociosidade ainda é elevada, o que significa que podemos produzir mais sem a necessidade de novos investimentos. Assim, abre-se espaço para projeções mais otimistas para o crescimento. Além disso, quando analisamos a ociosidade, não podemos nos ater apenas a desocupação das fábricas, é preciso considerar a infraestrutura – portos, estradas e aeroportos – e no mercado de trabalho. Assim, há um caminho a ser percorrido até que os investimentos retornem com força. Um novo ciclo de formação bruta de capital será fundamental para que o crescimento potencial ultrapasse o nível atual, estimado entre 2% e 3%.

Por fim, a mediana das previsões de mercado contidas no Relatório Focus do Banco Central apontam para o crescimento de 2,9% da economia neste ano. A nossa previsão é de um crescimento marginalmente menor, 2,7%. Um resultado positivo para o PIB do primeiro trimestre de 2018 será decisivo para revisarmos esse valor para um patamar mais elevado.

## Confiança do industrial gaúcho avançou em fevereiro

O Índice de Confiança do Empresário Industrial gaúcho (ICEI/RS), divulgado pela FIERGS, avançou em fevereiro para 61,6 pontos, 0,6 acima de janeiro, atingindo a maior série de altas (oito) desde 2010 e o maior nível desde junho do mesmo ano.

O ICEI/RS é composto por um conjunto de índices, baseados nas respostas dos empresários a perguntas sobre as condições atuais da economia brasileira e da empresa nos últimos seis meses e as expectativas para os próximos seis. Acima de 50 pontos, revelam, respectivamente, condições melhores e otimismo.

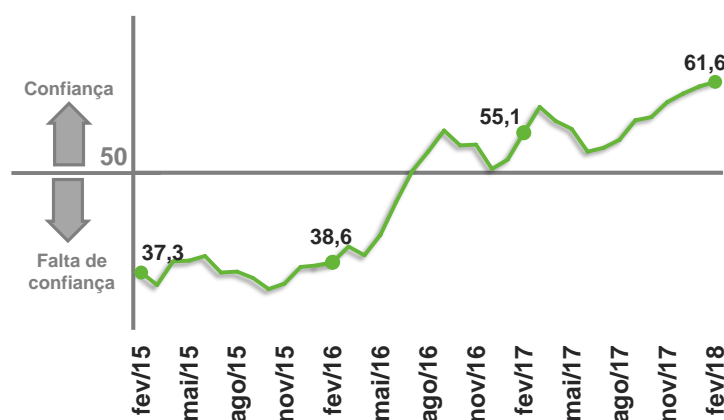
A maior contribuição para o aumento da confiança em fevereiro foi dada pelo Índice de Condições Atuais (ICA), com expansão de 1,6 ponto ante janeiro, para 57,2 pontos, maior pontuação desde junho de 2010. Entre os subcomponentes, o Índice Condições da Economia Brasileira (ICA-EB) cresceu de 55,6 para 57,4 pontos, enquanto o Índice de Condições Atuais das Empresas (ICA-E) subiu menos, de 56,1 para 57,4 pontos no período. A evolução dos dois índices, crescendo acima dos 50 pontos, mostra que é cada vez maior entre os empresários gaúchos a percepção de melhora da economia nacional e das empresas.

No segundo mês do ano, houve também pequeno incremento no otimismo. O Índice de Expectativas (IE) para os próximos seis meses passou de 63,6 em janeiro para 63,9 pontos em fevereiro de 2018, o maior patamar desde junho de 2010 (64,7 pontos). Entre seus

integrantes, o destaque foi mais uma vez o da economia brasileira (IE-EB), cujo índice ficou em 59,9 pontos, 0,4 ponto acima do mês anterior e o mais alto desde fevereiro de 2011 (60,0 pontos). Já o Índice de Expectativas da própria Empresa (IE-E) ficou praticamente estável em 66,0 pontos.

A confiança dos empresários gaúchos em fevereiro, ancorada no cenário favorável para demanda, juros e inflação para 2018, mantém as projeções de continuidade do processo de recuperação da atividade industrial nos próximos meses. Todavia, vale destacar, que a pesquisa não captou o impacto da suspensão da Reforma da Previdência, outro fator que pode estar sustentando o otimismo.

### Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

## Indústria gaúcha inicia o ano em alta

Segundo a Sondagem Industrial do RS de janeiro de 2018, o ano começou bem para a indústria gaúcha e tudo indica que o cenário de recuperação persistirá nos próximos meses: a produção e o emprego aumentaram, a capacidade ociosa diminuiu, os estoques se mantiveram no nível planejado pelas empresas e as perspectivas dos empresários são favoráveis para a produção, o emprego e o investimento.

O índice que mede a evolução da produção em relação ao mês anterior ficou em 52,8 pontos em janeiro. A última vez que, no primeiro mês do ano, o índice (acima de 50 pontos) revelou expansão em relação a dezembro foi em 2013 (53,0 pontos). Da mesma forma, o índice de emprego, com 53,0 pontos, mostrou o primeiro crescimento no mês em oito anos.

A ociosidade, ainda acima do normal, continuou caindo na indústria gaúcha, que operou com 66% de sua capacidade (UCI) no primeiro mês de 2018, três p.p. acima do mês anterior, mas abaixo dos históricos 67,2% para o mês. Com isso, o indicador de UCI em relação ao usual subiu de 41,8 em dezembro para 43,9 pontos em janeiro, ficando no maior nível para o mês desde 2014 e mais próximo do usual (50 pontos).

A Sondagem de janeiro de 2018 trouxe outro ponto positivo: a indústria gaúcha conseguiu manter os

estoques ajustados. O índice de evolução (48,1 pontos) revelou queda nos estoques de produtos finais ante dezembro de 2017. Esse resultado fez com que o índice de estoques planejados pelas empresas atingisse 49,7 pontos, muito próximo dos 50 (nível planejado).

Todos indicadores de expectativas para os próximos seis meses continuaram acima dos 50 pontos e de suas médias históricas em fevereiro. Eles mostram que o setor espera aumento da demanda (60,8 pontos), inclusive a externa (55,1 pontos). A combinação de estoques ajustados e perspectivas positivas para demanda é um sinal positivo para a produção futura. Como consequência, as perspectivas são de aumentos do emprego (55,1 pontos) e das compras de matérias-primas (59,0 pontos).

Por fim, o índice de intenção de investimento para os próximos seis meses ficou em 54,6 pontos em fevereiro, 2,1 abaixo de janeiro, mas 7 pontos acima da média histórica. Quanto maior o índice, que varia de zero a cem, maior é a propensão para o investimento. Acima de 50 pontos, o índice revela que é majoritária a intenção de investir entre as empresas (56,9%). Mas a proximidade dessa marca mostra também que ainda é grande o percentual que não pretende fazer investimentos (43,1%).